

RECADO DE PARIS

1232
RUBEM BRAGA

PARIS, março — A inspiração veio, talvez, da greve do “metro”. Se não podemos nos locomover por baixo da terra e tudo está parado e triste porque os homens não se entendem — o melhor então, para prover nossas necessidades de transporte, é subir aos céus.

“Una escalera grande, otra chiquita” — são, no dizer de uma rumba, os implementos necessários. O que sempre entendi como sutil advertência aos crentes: de que, para ganhar o Paraíso, não basta a grande Escada das virtudes teológicas; é imensamente divertido pensar que a certos ilustres varões que passam a vida cuidando minuciosamente de observar todas as regras para ganhar o Céu pode faltar-lhes, na hora precisa, a escadinha pequena, feita não sei de que força ou fraqueza, feita de pequenas virtudes distraídas e puras e tão à toa que até podem semelhar vícios... Não sei. Contemplo, na imaginação, esses varões agitando os braços no ar, no último degrau da imensa escada de milhões de leguas, desesperados e impotentes pela falta de uma escadinha de três metros.

Lá me direis que as rumbas não são escritos santos, o que sei; mas nessas coisas temos de ser humildes e ouvir de tudo e a todos, pois qualquer pessoa ou coisa pode ser instrumento da verdade, e quiçá, da Verdade.

E’ melhor, porém, que nos cinjamos aos fatos; e o fato foi que nesse domingo de “metro” em greve nos ocorreu subir ao topo da Torre Eiffel, o que é preciso fazer em um certo estado de inocência, como quem vai ao Pão de Açúcar vestido de branco com sua namorada em vestido azul.

Lá de cima contemplamos com superior melancolia a cidade bela e imensa. Isso dá na gente uma especie de meiga burrice azul; lemos nosso destino nas maquininhas de cinco francos, mandamos cartões postais docemente palermas, posamos direitinho para o lambe-lambe e compramos “souvenirs” baratos.

Feito o que, descemos. Ou melhor: dignamo-nos descer, uma vez que já tínhamos bem provada a nossa superioridade sobre os demais habitantes desta nobre capital. Descemos, nosso dever estava cumprido, e o coração mais puro.

Eu vos digo que é preciso ir à Torre Eiffel, é preciso ir ao Pão de Açúcar; é preciso e é bom; e no fundo esse é o ouro mais secreto e puro dos grandes domingos de antigamente, e de amanhã.

Abil 50

BA - Torre Eiffel